



Revoluções em tempo real¹

Márcia Siqueira Costa MARQUES ²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

Resumo

Novos meios de comunicação e convergência tecnológica estão fazendo emergir tipos diferentes de redes sociais. O mundo globalizado baseado no tempo real origina o fenômeno da glocalização da existência humana. A conexão em rede está abrindo canais de expressão e mostrando seu potencial de catalisador para mudanças sociais. Essas redes também estão sendo usadas como meios de mobilização de pessoas, de pressão política e de luta contra a censura por governos autoritários. O resultado já pode ser verificado na contestação aos resultados das eleições iranianas de 2009; com a rede blogueiros independentes de Cuba e com as revoluções levadas às praças públicas na Tunísia e Egito, em 2011. A convergência tecnológica faz com que todos possam ser repórteres, mas somente a sociedade realmente engajada pode mudar a situação.

Palavras-chave

Globalização; Glocalização; Tempo real; Censura; Revolução

Mundialização e globalização

A globalização tornou-se o tema crucial da atualidade, mas muitas vezes o termo é utilizado de maneira incorreta, pois sua interpretação depende da visão de cada um. Muitos usam a palavra globalização no lugar de internacionalização. Segundo Ortiz, internacionalização é a atividade econômica além das fronteiras nacionais e globalização implica integração funcional das atividades econômicas organizadas com estratégia mundial, dirigida a um mercado mundial. (ORTIZ, 1998).

O processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens. A totalidade cultural remodela, portanto, sem a necessidade de

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, no XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Intercom 2011.

² Aluna do Doutorado em Comunicação na PUCSP. É bolsista do CNPq e membro da ABCiber Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura.



raciocinarmos em termos sistêmicos. Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou, se aceitando um padrão cultural, sem com isso implicar uniformização de todos, normal em uma sociedade.

A mundialização pode ser revelada no cotidiano, por exemplo, pelo fato de que, na virada do século 20, os homens estão interligados, independentemente de suas vontades são cidadãos do mundo, pois o mundo chegou até eles por meio de alimentação, vestuário, filmes, supermercados, aparelhos eletrônicos etc., reorganizando o conceito de sociedade atual.

A expressão globalização tem sido usada num sentido ideológico, em que se assiste a um processo de integração econômica sob a égide do neoliberalismo, caracterizado pelo: predomínio dos interesses financeiros; desregulamentação dos mercados; privatizações de estatais e abandono do bem-estar social pelo Estado. Para muitas pessoas, que se dizem vítimas de seus efeitos, ela é responsável pelo aumento da exclusão social e de provocar crises econômicas. Mas a globalização não é uma coisa nova. É um processo iniciado há muitos séculos, que, agora, se torna mais visível, em razão das novas tecnologias de informação e comunicação, e seus efeitos são percebidos com maior intensidade.

No livro *O Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels, (1988), escrito há 150 anos, aparecem citações sobre o processo de globalização, em andamento:

“A necessidade de um mercado em expansão constante para seus produtos persegue a burguesia por toda a superfície do globo. Precisa instalar-se em todos os lugares, acomodar-se em todos os lugares, estabelecer conexões em todos os lugares. A burguesia, através de sua exploração do mercado mundial, deu um caráter cosmopolita para a produção e o consumo em todos os países. [...] Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pela produção do país, encontramos novas necessidades, exigindo, para satisfazê-las, produtos de terras distantes” (MARX, ENGELS, 1988:14).

E continuam:

“A burguesia, pelo aperfeiçoamento rápido de todos os instrumentos de produção, pelos meios de comunicação imensamente facilitados, arrasta todas as nações, até a mais bárbara, para a civilização. Os preços baratos de

suas mercadorias são a artilharia pesada com a qual derrubam até mesmo a Muralha da China. Compele todas as nações, sob pena de extinção, a adotar o modelo burguês. Compele-as a introduzir o que chama de civilização no seu meio, ou seja, a se tornarem burguesas. Resumindo, cria um mundo à sua imagem”.(MARX, ENGELS, 1988: 15).

Podemos identificar três fases no processo de globalização. A globalização teve seu início por volta de 1450, com o expansionismo mercantilista, sob um regime de monarquia absolutista, com a descoberta das rotas marítimas, que deu origem às colônias européias e ao próprio continente americano. Era ainda uma sociedade agrária.

A segunda fase da globalização, que ocorre por volta de 1850, é um marco de transição do século 18, com a industrialização da Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Itália. A Revolução Industrial traz a máquina a vapor, a modernidade para o setor agrário e até um novo estilo de vida, uma nova organização social já com os princípios de cidadania. Aparecem novas classes sociais, como a burguesia e a classe bancária.

A terceira fase da globalização, que se iniciou por volta de 1950 – e que vivemos hoje – é caracterizada pela forte presença da tecnologia da informação (TI) e das telecomunicações. O regime dominante é democrático, embora ainda existam outros regimes autoritários. Isso representou o fim das barreiras discriminatórias e a crescente padronização cultural e de consumo. Surgem grupos econômicos fortes – hoje o processo produtivo mundial é dominado por 450 corporações, sendo que a maioria é de nacionalidade americana, japonesa, alemã, inglesa, francesa, suíça, italiana e holandesa (grandes corporações das fases anteriores) e países ricos que impõem sua vontade econômica ao mercado (G7) –, surgem os blocos comerciais e os acordos internacionais para o comércio (Mercosul, União Européia, Nafta, Alca etc.).

Contudo, na teoria da administração, essa idéia não tem tanta clareza. O primeiro problema é a definição. Apesar da quase onipresença dos livros de negócios, não existe um significado padrão para globalização. Em um dado momento, pode-se referir a algum tipo de matriz organizacional ou à irrelevância de fronteiras nacionais. A globalização não é um conceito coerente, mas um sentimento confuso. Isso não seria tão importante se não fossem as expectativas exageradas das pessoas em relação a ela. As três idéias que resultam com mais frequência desse conceito nebuloso – a globalização



surgirá em uma era de produtos globais padronizados; as empresas globais triunfarão; e a geografia não é importante – revelaram-se mitos.

Nunca tantas pessoas ouviram e souberam tanto sobre o resto do mundo. Há uma padronização do mundo com seus comerciais globais, com acesso amplo à internet. Hoje, muitos executivos conhecem mais Nova York do que seu próprio bairro, as viagens internacionais são constantes e monótonas num mundo dito global. Enquanto isso, até as pessoas que conseguem evitar esse tipo de vida dedicam boa parte de seus dias a conversas com fornecedores, clientes e colegas de trabalho de outros países. É possível enviar uma mensagem, via internet, com a mesma facilidade, para qualquer lugar. Com a morte da distância, já não custa praticamente nada conversar por telefone com alguém do outro lado do mundo. A Ásia aparece como novo expoente no mercado. Mas o que deveria ser uma aldeia global se mostra como um povoado nada homogêneo, pois não há comunhão cultural, muito menos adaptação econômica.

“Temos um mundo em mutação para o planeta dos mendigos assistido com uma indiferença constrangida, às vezes presunçosa. Existe cada vez mais confinamento e segregação e o separatismo e fanatismo religioso são crescentes. A Jihad, conta a McWorld, mostrou claramente para todos, no dia 11 de setembro de 2001, que o mundo está longe de ser uma aldeia global.”³

Glocalização

A idéia de que o mundo está ficando cada vez menor parece suficientemente clara. As palavras de Gilberto Gil, na canção ‘Parabolicamará’, ilustram bem este processo de flexibilização do espaço, em decorrência do avanço tecnológico. Ele diz: “antes o mundo era pequeno, porque a terra era grande. Hoje o mundo é muito grande porque a terra é pequena”.

Nesta sociedade globalizada a informação circula quase que instantaneamente, não importa a distância. É “a dromocracia cibercultural” conceito explicado por

³ FRANKLIN, Daniel – em “Globalização 2, a vingança” – na revista *Exame* n° 782, 25 de dezembro de 2002

Trivinho(2007), em seu livro de mesmo nome que explica a fase do capitalismo atual articulado pela velocidade dos meios de comunicação e tecnologia digital. A internet encurtou o ciclo da informação, modificando o tempo da mesma. A informação também pode ser estocada por muito tempo, com custos irrisórios e a infra-estrutura desta rede se expande no mundo todo como uma imensa teia. Seu território não está mais demarcado o protegido – a informação não se prende às fronteiras, nem ideologias. É o processo de glocalização da existência humana onde glocal é uma junção de global com local. O fenômeno glocal surge com o advento das telecomunicações - se inicia com o telégrafo e só aumenta com as novas tecnologias do virtual. É uma “comunicação instrumental à distância, isto é, aquela que é mediada por máquinas”. O termo glocal, hibridação dos termos global e local, não prevê o isolamento de uma dimensão em detrimento da outra, nem é globalização e nem localização separados. “A aglutinação das palavras e a mescla de sentidos que marcam o glocal fazem dele uma invenção tecnológica de imbricação de processos contrastantes” (Trivinho: 2007, p.242) e isso sem que se desfigure sua nova natureza. É uma outra palavra - e não pode ser reduzida nem a um nem a outro. O Glocal é relação social e depende integralmente dessas imposições. Para Trivinho, o “conceito de glocal e seus derivados são conceitos que reescalonam a teoria da comunicação: pondo em xeque os fundamentos dessa teoria”.

Glocal é um fenômeno recente, mas nem por isso tão novo. Ele aparece com o primeiro meio que torna possível a comunicação em tempo real (troca simultânea entre recepção e emissão em tempo real) e emerge com a telefonia. Neste recorte, presente especialmente no último quartil do século XIX, já estão disponíveis todos os elementos da condição glocal atual:

“equipamentos de telecomunicação, infra-estrutura de rede, acoplamento entre ser humano e máquina, procedimentos de emissão e recepção em tempo real, fluxo de sentido e não-sentido, espectralização da interação humana, desejo comunicacional, e assim por diante. (Trivinho:2007, p.245)

A saga da comunicação à distância mediada por máquinas é a saga planetária glocal. A partir da cibercultura, da ação bidirecional em tempo real, do acoplamento entre humano e máquina, o fenômeno glocal aparece com mais veemência. E assim, gera acoplamentos ainda mais significativos do simbólico e imaginário. Esses dois acoplamentos nutrem o glocal.

Com a ascensão da globalização econômico-financeira das nações e a explosão dos localismos político-culturais, juntamente com a velocidade da comunicação e interação, o glocal aparece como é,

“um fenômeno comunicacional de (con)fusões em cadeia que, numa síntese intelectual, admite ser assim expresso: um *bunker* de acoplamento corporal e simbólico imaginário entre ser humano e máquina processado no lugar de acesso como ambivalência representativa do contexto local e umbelicalmente vinculado aos conteúdos da rede como dimensão representativa do universo global”. (Trivinho:2007, p. 248)

Há aqui uma bidimensionalidade do mundo glocal, uma divisão de dois centros simbólicos de gravitação: um material e outro imaterial; um o universo dos lugares, o outro o campo dos não-lugares. Essa divisão é tecnologicamente resolvida e os dados se rearranjam automaticamente, como se nada diferente acontecesse no processo, pois as tecnologias que dividem são as mesmas que refundem, bem como também operam pela invisibilidade de todo o processo. Esse novo rearranjo traz consequências não só para os meios e para a comunicação, mas também para a própria vivência do cotidiano e dos espaços, reprogramando toda a vida humana com as tecnologias do tempo real.

A enorme exclusão social continua a existir no mundo virtual e traz com ela o analfabeto digital, aquele cidadão que não está dromoapto⁴ a operar e se comunicar nesse novo modelo. A nova lógica da desigualdade virtual gira em torno da aptidão (de conectar-se à rede - posse e conhecimento) e da velocidade (de aprendizado, de conexão e troca de equipamentos e softwares). A teoria é uma coisa e a realidade é outra.

Com o avanço da telecomunicação e a convergência tecnológica, os terminais telefônicos, especialmente os de 3ª Geração (que podem transmitir voz, dados e entretenimento na mesma rede e no mesmo aparelho), passam a ter um papel importante no mix de comunicação, principalmente no caso dos usuários mais jovens.

Censura de governos

⁴Dromoaptidão conceito explicado por TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo. Ed. Paulus, 2007, pg72



A comunicação virtual pode ser uma nova forma de pressão desta nova sociedade. Hoje já sabemos que os meios digitais podem ser usados para difundir informações que não têm destaque na mídia tradicional. Vale lembrar exemplos internacionais onde a mídia estabelecida teve que cobrir assuntos que tentou ignorar (ou não sabia mesmo) e que foram levantados pela internet, como o caso Monica Lewinsky/ Bill Clinton, alguns fatos da vida de Dan Rather, ex-candidato ao governo americano na eleição de 2004 chegando até recente caso da eleição presidencial no Irã, no último dia 12 de junho.

Antigamente, os regimes autoritários conseguiam ocultar os acontecimentos em seus países com atos simples, como cortando as linhas telefônicas e restringindo a entrada e saída de pessoas, especialmente estrangeiros, no país. Mas, no século XXI, as câmeras de terminais móveis, os blogs, as redes sociais digitais, as contas no Twitter e todo “arsenal” da internet mudaram esse cenário. Assim, os meios de comunicação como extensões do homem acabam de ser estendidos ainda mais: para todos aqueles que estão nos lugares onde as notícias estão acontecendo.

Vivemos hoje numa sociedade da informação onde todo mundo se comunica. Onde todos podem produzir informação, ter seu próprio jornal ou blog, seu próprio boletim, e sua divulgação é imediata e com um grande alcance.

Os blogs, microblogs e redes sociais digitais possuem ferramentas que permitem que os leitores possam opinar, perguntar, interagir a respeito de tudo. Essa liberdade de acesso e de expressão faz dos meios de comunicação mediados por computador e redes sociais infotecnológicas ferramentas de comunicação com custos baixos e grande potencial de alcance. São baratos para produzir e distribuir. E têm fácil acesso. São mídias sem censura - exceto em alguns países- não são propriedades de grandes grupos de comunicação (não são monopólios), pelo contrário, podem ser acessadas e utilizadas por todos. É sabido que nem todos têm acesso à internet, mas o acesso à rede é o único requisito básico para o acesso e uso. Que outra mídia possibilita isso?

Nos blogs, microblogs e redes todos podem dialogar constantemente, possibilitando uma grande interação. Muitos questionamentos podem surgir quando pensamos sobre o alcance e abrangência dos mesmos, e, mais ainda, quando falamos de independência, liberdade de expressão e ação. A disseminação dos meios infotecnológicos nos faz questionar a respeito das funções que eles vêm desempenhando na atualidade.



Muitos blogueiros tratam em seus blogs de questões de censura, política e ativismo e inúmeros países reprimem blogueiros e censuram a comunicação mediada por computador. Isso revela que a liberação da expressão tem uma forte conexão política. Dar voz a todos e permitir (ou não) o compartilhamento e a troca de informações (liberdade de expressão e emissão) são ferramentas políticas de transformação da vida social e cultural. Desde o começo da era digital, governos e “rebeldes” têm lutado por causa das tentativas de censurar as comunicações. Mensagens curtas de texto, sites na internet, redes sociais podem ser usados para reunir os simpatizantes em uma causa ou outra. Quando Mianmar tentou silenciar os manifestantes em 2007, desativou a rede da internet no país durante seis semanas. Em junho de 2009 a China bloqueou o acesso ao YouTube e ao Twitter, além de blogs, nos dias próximos à data que marcou o 50º aniversário do levante no Tibete em 1959 (e dos protestos dos ocorridos no ano passado) bem como próximo aos 20 anos dos protestos da Praça da Paz Celestial, em 1989. Assim também, outros países, como o Irã e Cuba, têm expandido e aprimorado os mecanismos de filtragem de sites para bloquear o acesso da população. Os mesmos softwares de filtragem, caros e sofisticados, que ajudam o FBI (Federal Bureau de Investigações) a buscar mensagens criminosas de terroristas são utilizados por regimes totalitários para restringir mensagens e postagens na internet.

As tentativas do Irã, Cuba e China para impedir essa nova realidade estão oferecendo um laboratório do que pode ou não pode ser feito nessa nova era da mídia. Também está oferecendo lições para outros governos. Uma das primeiras lições é que é mais fácil limitar as imagens e a informação dentro do país do que impedir que se espalhem rapidamente para o mundo exterior. Enquanto o Irã restringia o acesso à internet, surgia uma rede mundial de simpatizantes para ajudar a conectar os ativistas e a população de modo geral.⁵

A ampla penetração da web torna a censura “um trabalho muito complicado”, disse John Palfrey, codiretor do Centro Berkman para a Internet e a Sociedade, em Harvard, EUA. O Centro estima que “cerca de 35 governos —tão díspares quanto China, Cuba e Uzbequistão— controlam extensamente o acesso de seus cidadãos à rede mundial. Destes, o Irã é um dos mais agressivos”. Palfrey disse que a tendência tem sido um

⁵ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

aumento da censura, e não diminuição. “É quase impossível o censor vencer no mundo da internet, mas eles estão brigando firmemente”, disse o diretor.⁶

Censurar a internet de forma imperceptível é o sonho dos governos repressivos e de modo geral os internautas mais censurados, muitas vezes, são aqueles que nunca chegam a tomar conhecimento da censura. A população do país questiona mais ainda a censura quando ela atinge também a maioria das pessoas que usam a internet para curtir a vida, compartilhar fotos e momentos. Assim, quando um governo censura a internet, deve pensar duas vezes, pois pessoas “despolitizadas” tomam consciência de que o governo teme a livre circulação de informação, pois bloqueia tudo para poder bloquear alguns vídeos políticos.

A internet vem rompendo anos de controle estatal do que é visto e não é visto, do que é visível contra invisível, do que pode ser dito e o que deve ser calado, mas ter um blog pode ser uma atividade perigosa em muitos países.

O trabalho de censura do governo iraniano foi dificultado porque existe no Irã uma comunidade dinâmica de blogueiros, fato que se atribui a uma campanha iraniana anterior de censura à mídia impressa tradicional, em 2003. Pessoas que escreviam correram à internet. Esse fato, somado ao histórico de restrição a ferramentas de mídia social, garantiu que um grupo de comunicadores aprendesse novas maneiras de transmitir suas mensagens - com frequência conectando-se a um computador de fora do Irã.

Também em Cuba, o acesso restrito à internet não impedem Yoani Sanchez, blogueira cubana. Para colocar seu blog na rede a blogueira desencadeia uma verdadeira operação de guerra. Com o controle da internet na ilha, Yaoni não tem acesso ao próprio blog. Não adianta tentar acessar o blog Generación Y de qualquer posto público em Cuba. A resposta do computador é sempre a mesma: "Error". Para postar, ela escreve o texto em um computador sem conexão com a internet, salva o texto num dispositivo de armazenagem, vai até um hotel ou lan-house e o envia por e-mail a amigos. Estes o traduzem em vários idiomas e mandam o texto para o servidor, hospedado fora de Cuba. São esses amigos internacionais que administram os comentários e mandam uma versão condensada para que Yaoni os leia. Fora da ilha, pode-se lê-lo em nada menos que 17

⁶ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

idiomas além do espanhol. A maioria dos comentários vem dos EUA, onde é grande a comunidade cubana dissidente. Em seguida vem a Espanha.

Junto a outros blogueiros cubanos Yoani fundou e dá aulas na Academia do Blogger, curso que visa ensinar outros cubanos a utilizarem recursos tecnológicos para se expressar e vencer o bloqueio do governo cubano. Como Yaoni posta em seu twitter em maio “#Cuba #GY Cada cual tiene su próprio muro que derrumbar, pero ayuda a echarlo abajo si otros reconocen que trata de um limite artificial”. (18/05/2011 @yoanisanchez)

Apesar da dificuldade de acesso à internet em vários países, os vídeos e as mensagens têm chegado ao conhecimento do público externo, indicando que a rede de computadores, com ferramentas amplamente distribuídas, não pode ser totalmente reprimida por um governo autoritário. “Você não pode tentar trancar toda a internet em uma caixinha no seu país, como a China constantemente tenta fazer”, disse Richard Stiennon, fundador da IT-Harvest, empresa de pesquisa de segurança na web⁷. “Há inúmeras maneiras de contornar bloqueios. Eles teriam de proibir toda a internet ou construir sua própria rede. No caso do Egito, anseios de jovens blogueiros engajados e mensagens postadas em redes sociais digitais, como Facebook, bem como redes físicas, em especial de grupos religiosos, encontraram enorme eco na população. Muitos anos de ditadura e opressão motivaram os mais velhos e mudanças econômicas que arrocham, os jovens, e levaram milhares de pessoas às praças numa luta por democracia e melhores condições de vida. Sem dúvida, blogueiros e mensagens no Facebook ajudaram na reunião e logística das pessoas durante os movimentos pela mudança no Egito. Os novos meios de comunicação mediados por computador propiciam um grau maior de autonomia para as pessoas se comunicarem, se informarem e mesmo de organizarem suas redes sociais. A internet potencializa esse rearranjo social. E, por isso, os governos querem tanto controlar essa rede e até censurar a internet - sem muito sucesso.

Antes os governos autoritários, como Irã, Cuba, Egito e outros, podiam esconder a informação, não deixar a imprensa escrever sobre isso. Agora, não é possível porque a informação já está na internet e ganha o mundo. Não se pode mais deixar de lado. Ignorar informações relevantes é uma atitude suicida. Nas palavras de Yoani Sanchez,

⁷ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo



em seu twitter, no dia 26 de março de 2010: “El ciberactivismo es una piedra dura en el zapato de los gobiernos autoritarios. ¡Ah... la poderosa arma del kilobyte! “

Conclusão

Falar sobre a influência das redes de comunicação social no comportamento da sociedade em momentos de tensão social tem sido uma matéria constante de revistas e jornais. A mídia de massa tem celebrado “os novos meios” na derrocada de ditaduras como a da Tunísia e Egito, muitas vezes se esquecendo de fracassos como no caso da Tailândia em 2010. Algumas matérias chegam a celebrar a nova geração de internautas e até a romantizar papéis e importância, mas na realidade se um país não quiser mudar, não será a internet que o fará mudar. As mudanças fundamentais na sociedade são produzidas primeiro na mente das pessoas e depois em sua forma de agir. Quando existe estabilidade, não se pode esperar que “redes sociais” e “jovens engajados”⁸ venham a produzir uma mudança que a sociedade não deseja.

O novo ambiente midiático é muito rico, temos opções de escolha de informação e, embora seja um acesso menos geral do que muitos apregoavam, pela primeira vez, podemos publicar e distribuir a informação – em forma de texto, áudio e vídeo - de forma global. Com a evolução das telecomunicações e da tecnologia, temos novos dispositivos sem fio, que trazem também a mobilidade. Estar conectado e ser móvel estão se tornando características do ser humano do novo século. Essas novas ferramentas fizeram da produção jornalística atual um exercício de mobilidade e trabalho em tempo real.

A comunicação mediada por computador só tem crescido e sua importância aumenta a cada dia. Em 15 anos, as comunicações via internet explodiram. Esses meios vão ao encontro do desejo de conexão e comunicação do ser humano, do desejo de pertencer a uma rede social e ter voz nessa comunidade. A riqueza da comunicação mediada por computador pode ser vista como esta pluralidade de vozes, a democratização da expressão e a dinamismo das redes sociais. Casos como o de Cuba, Irã e Egito, que são destacados em matérias e premiações da mídia, mostram como a internet abriu um canal para cidadãos manifestarem descontentamento com a conduta oficial, mostrando o

⁸ Títulos no jornal Estado de São Paulo, “Por trás do ocaso do regime, 15 jovens engajados” e no jornal o Globo “A força das redes”

potencial da rede como catalisadora de transformações sociais. As redes digitais são uma grande caixa de reverberação de informações.

As reações de governos autoritários levantam perguntas quanto ao poder que as autoridades possuem para controlar a informação. Os países autoritários, como China, Irã, Cuba, Egito e tantos outros, exercem controle abrangente e sofisticado sobre a internet e empregam milhares de pessoas para monitorar a rede, usando softwares complexos, mas o sistema não é infalível, e os internautas frequentemente encontram maneiras de driblar a censura. As redes sociais digitais mostram sua potencialidade e alcance. São fatos novos na rede e por estarem sendo mostrados on-line esses fatos trazem benefícios práticos. Criam mais uma barreira à censura. Além dos benefícios, há algo de satisfatório no fato de um país ser ajudado por usuários comuns que, de repente, manifestam sua habilidade organizacional e sua crença nos princípios de liberdade e solidariedade.

O público dessas redes digitais está cada vez mais consciente das idéias democráticas, da transparência e da responsabilidade. Esses internautas estão aproveitando, a todo o momento, os pequenos espaços e estão avançando. Nem todas as cruzadas são de interesse público, mas algumas campanhas na web parecem estar surtindo bons resultados.

Facilitar a expressão de idéias e contato entre pessoas é um dos méritos da rede, mas esses exemplos de comunicação não podem nos deixar acreditar no determinismo tecnológico, na crença de que isso resolveria grande parte dos problemas globais. A tecnologia não é por definição amiga da democracia e inimiga de regimes autoritários. A internet é um meio que pode ser usado por democracias e, da mesma forma, pelos regimes autoritários. Em vez de favorecer regimes democráticos, a rede pode ter o papel inverso. Os terroristas, extremistas, fanáticos religiosos, intolerantes raciais, também podem fazer uso das redes sociais com sucesso. Os governos ditatoriais também aprendem a usar a internet a seu favor, aprendem a usar o poder das mídias sociais.

É uma utopia acreditar que países como Cuba, Irã, Egito e China estão se abrindo por causa da força das redes sociais ou que existe uma participação mais direta do cidadão. Em muitos casos, as redes só fazem com que cidadãos desses países descubram o que é uma democracia, e que em algum lugar existe liberdade de expressão. A mudança deve ser política, embora a consciência do problema possa gerar um potencial para a



mudança. As redes digitais geraram um fato interessante, pois os governos tiveram que entrar nesse mesmo espaço de comunicação. Antes, o monopólio da informação e comunicação era do governo, não havia debate, não havia vozes dissonantes. Isso acabou. Hoje, um governo ou uma grande organização também usa blog e rede social para se comunicar. A internet abriu portas que não tínhamos antes. Mas como utilizamos essas passagens já é outra discussão.

Durante a tomada da praça Tahir, pelos egípcios, a notícia chegou à Cuba pela rede e a blogueira Yoani Sanchez postou em seu twitter⁹: “#cuba #GY En otros tiempos nadie se hubiera enterado, todos se hubieran callado... antes cuando ningun pajar azul¹⁰ planeaba sobre nosotros”.

Cada vez mais os governos, democráticos ou autoritários, percebem que a internet é um campo estratégico e que estar presente na rede é importante, mas países como China, Irã e Cuba, dificilmente serão mudados com posts em blogs ou em 140 caracteres no *twitter*. A política, praticada diariamente no mundo real, é a chave para uma mudança efetiva.

“Eis ao vivo e em cores, a globalização:

A notícia do assassinato do presidente americano Abraham Lincoln, em 1865, levou 13 dias para cruzar o Atlântico e chegar à Europa. A queda da Bolsa de Valores de Hong Kong (outubro-novembro de 1997) levou 13 segundos para cair como um raio sobre São Paulo e Tóquio, Nova York e Tel-Aviv, Buenos Aires e Frankfurt “.

(Clóvis Rossi, do Conselho Editorial da Folha de S.Paulo).

As revoluções da mundo glocalizado são transmitidas em tempo-real.

Referências bibliográficas

BARABASI, Albert-Laszlo. **Linked**: How everything is connected to everything else and what it means. EUA:Plume Publishing, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999

_____. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003

COHEN, Noam. Fotos de gatinhos ajudam blogs a driblar censura. **Folha de São Paulo**. 29 jun. 2009. Caderno The New York Time- Textos selecionados, pg.2.

⁹ Yoani Sánchez (@yoanisanchez)

¹⁰ Pássaro azul é o símbolo do twitter



FRANKLIN, Daniel – em “Globalização 2, a vingança” – na **Revista Exame** nº782, 25 de dezembro de 2002.

KIRKPATRICK, David. Por trás do ocaso do regime, 15 jovens engajados. **O Estado de São Paulo**. Tradução De Augusto Calil.
http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110212/not_imp678602,0.php

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

_____. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Ed. Loyola. 2000

LI, Charlene e BERNOFF, Josh, **Groundswell** –winning in a world transformed by social technologies, Massachusetts, EUA :Harvard Business Press, 2008

LORES, Raul. “Blogs são imprensa livre que não temos”, diz blogueiro do Irã. **Folha de São Paulo**. 28 jun. 2009. Caderno Mundo, pg. A24.

MANOVICH, Lev. **The Language of the New Media**. Massachusetts: The MIT Press, 2001

MARX, Karl e ENGELS, Frederick. **O Manifesto Comunista** (tradução de Maria Lúcia Como). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 – (coleção Leitura) – 8ª edição.

MATIAS, Alexandre.. Da rua para a rede, da rede para a rua. **Estadão.com**. Link Edição 921. 22 jun.2009. disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link,redes-sociais-sao-novo-alvo-de-censura,2807,0.shtm>> Acessado em 27 jun.2009.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Braziliense, 1998.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999

SCOBLE, Robert & ISRAEL, Shel. **Naked Conversations** – how blogs are changing the way businesses talk with costumers, New Jersey,: Wiley & Sons, 2006

SERRANO, Filipe. Redes sociais são novo alvo de censura. **Estadão.com**. Link Edição 921. 22 jun.2009. disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link,redes-sociais-sao-novo-alvo-de-censura,2807,0.shtm>> Acessado em 27 jun.2009.

STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental. **Folha de São Paulo**. 29 jun. 2009. Caderno The New York Time- Textos selecionados, pg.1

TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo. Ed. Paulus, 2007

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro, Record, 1997.